



Cuidar de quem cuida

Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem no país e destaca problemas e carências da profissão

Felipe Leonel



A enfermagem no Brasil precisa de cuidados. A maior força de trabalho do setor saúde no país, que representa 50% dos 3,5 milhões de trabalhadores da referida área, apresenta condições de sub jornada de trabalho, subsalários e subemprego. A constatação é da mais ampla pesquisa sobre essa categoria profissional já realizada na América Latina, intitulada Perfil da Enfermagem no Brasil. O estudo aponta desgaste em 66% dos profissionais, dificuldade de encontrar emprego nos últimos 12 meses (66%) e situações de falta de respeito e cordialidade dos pacientes e familiares usuários do sistema de saúde. A pesquisa, realizada pela Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) e o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), destaca a necessidade de valorização do profissional da enfermagem no país.

O estudo foi coordenado pela pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp) Maria Helena Machado e apresentou as caracte-

rísticas da profissão com base na identificação socioeconômica; formação profissional; acesso à informação técnico-científica; mercado de trabalho; satisfação no trabalho e relacionamento; e participação sociopolítica. “Há um sentimento de invisibilidade, desgaste, estresse. Apenas 29% dos profissionais têm algum tipo de proteção no ambiente de trabalho contra a violência. É uma queixa forte e presente na fala deles”, afirma a coordenadora.

Perfil da Enfermagem traçou conceitos que dizem respeito à “sub jornada de trabalho” e ao “subsalário” - condições que acarretam a situação de subemprego na profissão. “A sub jornada é entendida como a soma de horas trabalhadas pelos enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem em suas atividades profissionais que é igual ou inferior a 20 horas semanais. Outro conceito, que é o de subsalário, refere-se a situações em que o profissional, seja enfermeiro, técnico ou auxiliar percebe renda mensal igual ou inferior a R\$ 1 mil. A consequência disso traz a noção de

subemprego, entendendo que o profissional nessa situação trabalha sem regularidade ou durante poucas horas por semana (subjornadas), ou ainda recebe valores salariais muito aquém (subsalário) do que é devido pelas suas funções estabelecidas pelo mercado de trabalho”, explica a coordenadora.

Diante de tais condições, a pesquisa alerta para o fato de terem sido detectados em torno de 50 mil profissionais (3,2%) em situação de “sub jornada de trabalho”, trabalhando igual ou menos de 20 horas semanais, considerando, como dito acima, todas as suas atividades no âmbito da enfermagem. É possível observar mais de 26 mil que declaram ter jornadas semanais que somam menos de 10 horas, ou seja, 1,7% do total do contingente. “Essa ‘sub jornada’ encontrada na pesquisa pode ser associada a situação de atividade ‘bico’, no qual o profissional trabalha, quando há oportunidade, na modalidade por hora trabalhada, seja na assistência ou em outras áreas da enfermagem. Nesses casos, não há configuração de um

emprego formal”, revela.

No quesito renda mensal, de todos os empregos e atividades que a equipe de enfermagem exerce, constata-se que 1,8% de profissionais na equipe (em torno de 27 mil pessoas) recebem menos de um salário-mínimo por mês. A pesquisa encontra um elevado percentual de pessoas (16,8%) que declararam ter renda total mensal de até R\$ 1 mil. Dos profissionais da enfermagem, a maioria (63%) tem apenas uma atividade/trabalho. Maria Helena detalhou os setores que praticam os piores salários. “Os quatro grandes setores de empregabilidade da enfermagem (público, privado, filantrópico e ensino) apresentam subsalários. O privado (21,4%) e o filantrópico (21,5%) são os que mais praticam salários com valores de até R\$ 1 mil. Em ambos, os vencimentos de mais da metade do contingente lá empregado não passa de R\$ 2 mil”.

Outra situação preocupante refere-se à percepção da equipe de enfermagem em relação à população usuária (seus pacientes), no qual, menos da metade (46,6%) recebe tratamento cordial e respeitoso daqueles que são atendidos por eles. Ainda segundo o estudo, essa percepção negativa é reforçada quando 37,8% indicam que somente “às vezes” e 4,9% afirmam não receber, o que significa que quase metade destes profissionais (42,7%) não se sente bem tratado e respeitado pelos pacientes e/ou familiares usuários do sistema de saúde. Dificuldade de encontrar emprego foi relatada por 65,9% dos profissionais de enfermagem. A área já apresenta situação de desemprego aberto, com 10,1% dos profissionais entrevistados relatando situações de desemprego nos últimos 12 meses.

Masculinização

A equipe de enfermagem é predominantemente feminina, sendo composta por 84,6% de mulheres. É importante ressaltar, no entanto, que mesmo tratando-se de uma categoria feminina, registra-se a presença de 15% dos homens.

“Pode-se afirmar que na enfermagem está se firmando uma tendência à masculinização da categoria, com o crescente aumento do contingente masculino na composição. Essa situação é recente, data do início da década de 1990, e vem se firmando”, afirma a coordenadora.

O desejo de se qualificar é um anseio do profissional de enfermagem. Os trabalhadores de nível médio (técnicos e auxiliares) apresentam escolaridade acima da exigida para o desempenho de suas atribuições, com 23,8% reportando nível superior incompleto e 11,7% tendo concluído curso de graduação. O programa Proficiência e outras iniciativas de aprimoramento promovidas pelo Sistema Cofen/Conselhos Regionais revelaram ampla penetração, alcançando 94,5% dos enfermeiros e 98% dos profissionais de nível médio (técnicos e auxiliares) que relatam participação em atividades de aprimoramento.

Dificuldade de encontrar emprego foi relatada por 65,9% dos profissionais de enfermagem. A área já apresenta situação de desemprego aberto, com 10,1% dos profissionais entrevistados relatando situações de desemprego nos últimos 12 meses.

Mais da metade dos enfermeiros (53,9%), técnicos e auxiliares de enfermagem (56,1%) se concentra na Região Sudeste. Proporcionalmente à população, que representa 28,4% dos brasileiros segundo o IBGE, a Região Nordeste apresenta a menor concentração de profissionais, com 17,2% das equipes de enfermagem.



A equipe de enfermagem é predominantemente feminina, sendo composta por 84,6% de mulheres (Fotos: Virgínia Damas/Ensp/Fiocruz)

